

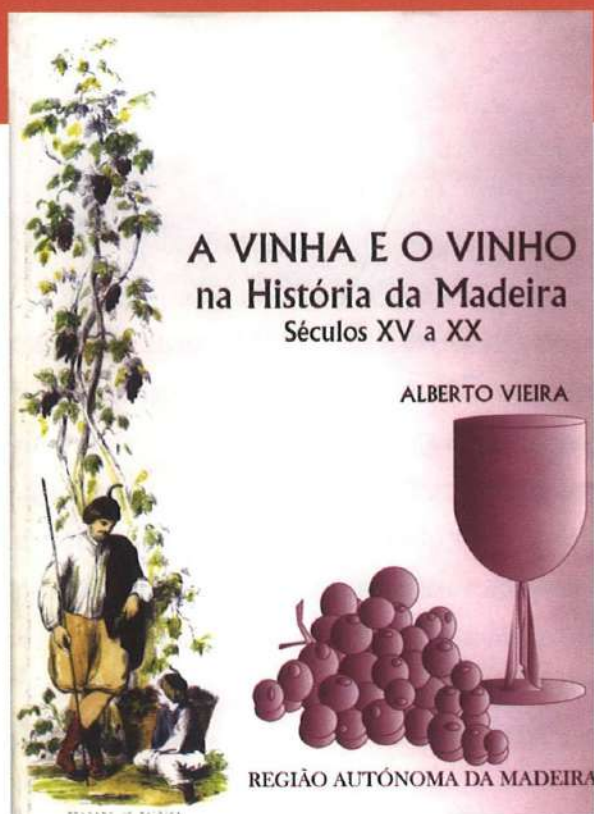
# A vinha e o vinho na história da Madeira Séculos XV a XX

Ana Madalena Trigo de Sousa

Investigadora Auxiliar do CEHA

**A** *Vinha e o Vinho na História da Madeira. Séculos XV-XX*, de Alberto Vieira, publicado pelo Centro de Estudos de História do Atlântico em Setembro de 2003, é o resultado de um exaustivo trabalho de investigação sobre o vinho, um produto que foi e continua a ser uma importante referência na definição económica e social da Ilha e do esforço das suas gentes, ao longo de cinco séculos.

Foi objectivo do Autor proporcionar ao público uma monografia completa sobre o vinho, resultado de um moroso trabalho de recolha de informação nos núcleos documentais dos Arquivos Regional da Madeira, Nacionais da Torre do Tombo, Histórico Ultramarino e Secção de Reservados da Biblioteca Nacional de Lisboa. Este trabalho de recolha alargou-se aos arquivos empresariais e a toda a imprensa madeirense, com particular relevo para a do século XIX. A presente obra encontra-se dividida em quatro



partes com os seguintes títulos: *O vinho na história e na historiografia; Da vinha ao vinho; O mercado do vinho; O culto e a cultura do vinho*. Na primeira parte, o Autor chama a atenção para o facto de que a presença da vinha na ilha da Madeira, introduzida pelos primeiros povoadores, foi uma inevitabilidade da cultura cristã, cujo ritual religioso fizera do pão e do vinho os elementos fundamentais para o sustento humano. A introdução da videira fez parte do processo de ocupação e aproveitamento do solo onde, junto com as culturas de subsistência, competia com o trigo e a cana sacarina, consti-



tuindo a tráfada dos produtos de exportação. No século XVII, o declínio da produção de açúcar, por incapacidade de competir com o do Brasil, e o esgotamento dos trigais, na centúria anterior, fizeram do vinho o único produto de exportação da Madeira, ocupando a primazia na actividade económica deste espaço insular. Neste processo, foi fundamental o estabelecimento de comerciantes ingleses, ao longo do século XVII, que assumiram o papel de grandes exportadores de vinho para os vários pontos do espaço colonial britânico, em expansão. Assim, é sublinhado pelo Autor, que a importância histórica do vinho da Madeira está, sobretudo nos séculos XVIII e XIX, intimamente ligada ao traçado das rotas marítimas do Império Britânico que tinham paragem obrigatória no porto do Funchal, onde obtinham *refresco* e carregavam vinho destinado aos mercados das Índias Orientais e Ocidentais. Também os navios portugueses da rota da Índia e do Brasil faziam escala no Funchal, donde levavam o vinho para as possessões lusas aí situadas.

A importância histórica do vinho Madeira reflectiu-se, como é óbvio, na historiografia. Conforme salienta o Autor, a história do vinho suscitou o

interesse e empenho de muitos estudiosos nos últimos anos. A segunda metade do século XIX foi o momento de consciencialização, por parte de muitos investigadores, da importância científica, social, económica, cultural e histórica do vinho. Em Portugal surgiram, nos últimos anos, estudos de grande importância para o conhecimento e divulgação desta temática. Finaliza esta parte com um pormenorizado roteiro arquivístico, seguido de uma listagem de bibliografia devidamente organizada por assuntos (obras gerais estrangeiras e nacionais; obras específicas: monografias históricas sobre o vinho; monografias sobre viticultura e vinificação; literatura de viagens; roteiros e guias turísticos; arte e património do vinho; as quintas madeirenses), e de uma informação sobre bibliotecas digitais e internet, um instrumento de trabalho cada vez mais importante.

Na parte II, intitulada *Da vinha ao vinho*, o Autor divide a sua exposição em dois grandes momentos: viticultura e produção; o processo de vinificação. A definição de viticultura assenta na disposição das áreas e forma de cultivo das castas. São dois factores directamente relacionados com o solo e o clima, aspectos determinantes na definição da qualidade e no valor gustativo do vinho. É apresentado um inventário das castas do vinho Madeira, ao longo da história, a partir dos dados reunidos na documentação e textos da época (pp. 103-104), acrescido de alguns aspectos históricos sobre as mesmas, atendendo às áreas de expansão e ao valor apreciativo no mercado, com destaque para o celebrado Malvasia da Fajã dos Padres. Alberto Vieira chama a atenção para o facto de que o mundo vitícola foi, repetidas vezes, afectado por circunstâncias altamente prejudiciais, designadamente, de origem meteorológica (as secas, as tempestades e as aluviões) e de origem patológico-botânica. Relativamente a estes últimos, foi a sua actuação catastrófica

porque atacou as cepas, destruindo-as e tornando impossível a permanência de qualquer casta em zona infestada. O oídio, a filoxera e o míldio foram os principais agentes destrutivos da vinha, ao longo da segunda metade do século XIX. A recuperação do sector vinícola só foi possível mediante o recurso ao plantio com videiras americanas, muito resistentes.

Duas áreas vitivinícolas perfeitamente demarcadas: é na vertente sul, dominada pelo espaço da primitiva Capitania do Funchal, que se encontra o melhor vinho; ao invés, na vertente norte, área da Capitania de Machico, produzia-se em maior quantidade mas com pior qualidade. Este vinho raramente saía da ilha, sendo usado para consumo interno e fabrico de aguardente. Relativamente ao movimento de produção, refere o Autor a indisponibilidade de dados que permitam acompanhar a produção desde o século XV. A informação apenas se torna frequente a partir do século XIX. Obviamente que a evolução da cultura da vinha esteve em sintonia com as exigências do mercado e com a influência da comunidade britânica na Madeira. A partir de meados do século XVII, a produção entrou em curva ascendente, só parando na década de vinte do século XIX, devido às diversas doenças que atacaram a vinha. A conjuntura conduziu ao quase total desaparecimento das castas que deram fama ao vinho Madeira. A Malvasia só se salvou na Fajã dos Padres. O panorama do viticultor madeirense mudou passando a dominar as castas americanas. A história das finanças está presente nesta parte da obra com referência à questão do subsídio literário, imposto que recaía sobre o vinho, criado durante o consulado Pombalino e que se manteve até 1861, ano em que foi extinto na Madeira e nos Açores; e à questão dos preços do vinho, da maior importância na abordagem das flutuações económicas, tendo em conta a relação entre o valor monetário e real com o ouro e a prata.



Balseira. Litografia de S. V. Harcourt, 1851. Casa Museu Frederico de Freitas

Na Madeira, dever-se-á ter em atenção a disponibilidade de prata, uma vez que a moeda corrente, entre os séculos XVII e XIX, era a prata espanhola. Os complexos vinícolas, a questão das aguardentes e o processo de vinificação nos nossos dias, com menção aos diversos tipos de vinho Madeira, assim como a defesa institucional e promoção deste produto, asseguradas por um conjunto de instituições oficiais, são as restantes temáticas abordadas e desenvolvidas.

Na terceira parte, subordinada ao tema *O mercado do vinho*, o Autor começa por sublinhar que uma actividade comercial depende da intervenção de múltiplos factores, propiciadores ou não do sistema de trocas. Os produtos, embora sejam justificativo e factor de vitalização das trocas comerciais, não são por si só suficientes para dar continuidade ao processo. São necessárias condições que as favoreçam, como a existência de meios e vias de comunicação, agentes habilitados para os diversos serviços e instrumentos de pagamento ajustados ao volume e duração das trocas. O desenvolvimento das relações comerciais é resultado de todos estes



Pintura de Max Römer  
Sala de Provas  
Madeira Wine Company

condicionalismos. Refere Alberto Vieira que este comércio foi, desde muito cedo, uma actividade que escapou ao controle do ilhéu. O europeu estabeleceu e dominou os circuitos de troca. A coroa, empenhada que estava no comércio monopolista, intervinha assiduamente, regulamentando de forma exaustiva as actividades económicas e definindo o campo de manobra dos agentes intervenientes. Se o açúcar definiu, nos séculos XV-XVI, uma rota que ligava a ilha aos principais mercados consumidores do Mediterrâneo e Norte da Europa, é destacado, no caso do vinho, que a definição do seu rumo deveu-se à posição geográfica da Madeira no contexto das rotas atlânticas, isto é, a ilha estava numa zona de passagem, na confluência dos vários trajectos das Índias Ocidentais e Orientais, da América do Norte, Brasil e África.

Directamente relacionado com este aspecto está uma realidade da maior importância, abordada amplamente nestas páginas: a economia da Madeira, estando desde os finais do século XV orientada para a monocultura com interesse mercantil, sofreu as consequências de uma dependência extrema em relação ao exterior. Ligada à

afirmação do vinho esteve a presença dos ingleses que passaram a controlar a circulação mercantil, tomando conta dos circuitos abastecedores de trigo e milho americano e das manufacturas europeias a troco de vinho. Para Alberto Vieira, a fragilidade da economia madeirense é uma evidência histórica e surge como resultado da insistente aposta num produto de exportação. Quando fala em mercado de vinho, o Autor tem o cuidado de abordar os dois mercados: o interno e o externo. No primeiro caso, entende-se o transporte do mosto do lagar às adegas dos proprietários e comerciantes, bem como a sua condução das adegas às estufas, às fábricas de destilação e, finalmente, às tabernas para venda a retalho. Aqui, a situação das vias de comunicação terrestres ou marítimas é fundamental na avaliação do processo. Quanto ao movimento externo, são fornecidos amplos dados sobre a evolução das exportações de pipas de vinho (quantidades e destinos) desde o século XVII ao século XX, com a respectiva dissertação sobre as alterações ocorridas ao longo dos tempos, resultantes das condições dos mercados consumidores (*mercados com história*, referindo-se o Autor à América do Norte, às Antilhas, à Índia, à Inglaterra e à Rússia), reflexo da conjuntura económica e política.

O comércio e o mercado do vinho Madeira foram, desde meados do século XVII, definidos e dominados pelos ingleses. A sua relação com a ilha e com o vinho constituem objecto de uma detalhada análise. Demonstra o Autor que essa relação foi estruturada num âmbito mais vasto – o do Império Britânico – cujas origens remontam a Cromwell. Na estratégia imperial, a Madeira revelar-se-ia uma peça fundamental, em função da sua posição geo-estratégica. A vinculação ao império britânico foi uma realidade, no devir histórico madeirense dos séculos XVIII e XIX. O controlo económico e das relações externas levaram a uma afirmação no plano político por meio

de tratados ou de uma interessada ligação às autoridades da ilha e do país. A acção dos ingleses foi dominadora, controlando não só as vias de escoamento do vinho como o abastecimento do mercado local, através da importação de manufacturas e produtos alimentares. O levantamento dos nomes e firmas dos mercadores de vinhos (ingleses, em grande número, e nacionais, muito poucos), entre 1722 e 1880 (pp. 416-419), revela-se um instrumento de trabalho de grande importância. A crise vitivinícola do século XIX é outro dos assuntos a merecer uma análise exaustiva por parte do Autor. Na sua perspectiva, a crise que atingiu o vinho Madeira expressa-se em dois momentos, e foi o resultado de um processo cumulativo. O primeiro momento, no início do século XIX, foi motivado pela contracção do mercado após as guerras europeias e a consequente concorrência dos vinhos franceses e espanhóis no mercado colonial britânico. A contracção do mercado arrastaria a economia vitivinícola para uma situação de abandono que seria agravada pelo efeito devastador das doenças que atacaram os vinhedos. Alberto Vieira sublinha que o vinho Madeira foi afectado por dois tipos de crises: as ocorridas no decurso do século XVIII, de carácter conjuntural e situadas na esfera comercial (radicando a sua origem nas eventualidades resultantes da guerra, campanhas de pirataria e corso, na crónica falta de moeda) que, por serem de curta duração, são ignoradas; o período de declínio do ciclo do vinho começou entre 1815/1819, como uma crise no domínio da circulação que se alargou à produção. As pragas que afectaram os vinhedos, no decurso da centúria de oitocentos, aceleraram todo o processo.

Esta parte termina com um anexo onde o leitor poderá encontrar abundante informação estatística sobre o movimento de exportação de vinho desde o século XVI até 1976.

Por último, o capítulo dedicado ao *Culto e à cultura do vinho*, onde é destacada a expressão literária

do vinho e a sua presença no património artístico e arquitectónico. Nas palavras do Autor, o vinho Madeira, ao mesmo tempo que alimentava os prazeres dos enófilos, foi motivo de inspiração de poetas e literatos. Contudo, as referências literárias ao vinho Madeira estão praticamente circunscritas a alguns espaços consumidores, designadamente a América do Norte e a Inglaterra. O vinho surge com frequência nos textos que descrevem ambientes de época e, desde o século XIX, no testemunho de viajantes e guias turísticos. As indicações alargam-se a todo o tipo de publicações, abrangendo os livros de culinária, os manuais de bons costumes e etiqueta e os tratados de medicina que destacavam as qualidades profiláticas do vinho Madeira. Em contrapartida, no panorama literário madeirense as referências são escassas e apenas na literatura popular se encontram, com maior regularidade, alguns testemunhos.

Evidência da presença e importância do vinho na economia da ilha são as manifestações artísticas que se revelam a partir do século XVIII. Os motivos relacionados com o vinho, em pinturas e gravuras, dão-nos o retrato do processo vitivinícola. O maior reflexo encontra-se na arquitectura do Funchal onde o comércio do vinho foi o principal financiador do processo de transformação da urbe, a partir do século XVIII. A riqueza gerada pelo comércio permitiu aos beneficiados por essa actividade económica os meios necessários para construir palácios e belas quintas, decorados com peças de influência britânica e outros objectos de arte. Finaliza esta obra com uma proposta de uma rota do vinho, que nos convida a seguir um percurso pela paisagem e pelos museus da Madeira e do Porto Santo.

Gostaríamos, ainda, de destacar a presença, no final de cada capítulo, dos excertos de textos de autores dos séculos XVIII-XX e de uma abundante iconografia que proporciona ao leitor uma informação adicional, da maior importância.